

## Uma História Antiga

por Mário Soares

Nunca tinha ido a África antes. Era difícil, naquele tempo, obter permissão para ir a África, a alguém conhecido como oposicionista.

Naquela noite, tarde, preso em Caxias, fui chamado à sede da PIDE, supunha eu para interrogatórios, uma prova sempre difícil. Mas não. Esperei, um tempo infundável, na mesma sala do último andar onde, antes, me tinham submetido à tortura do sono por três dias e três noites. Que seria agora? Até que apareceu, o célebre inspector Sachetti impecavelmente vestido e perfumado. Disse-me: "o Senhor tem andado a brincar com o Governo. Primeiro, com o pretexto do general Delgado (de cuja família era advogado depois do seu assassinato); agora, com essa especulação dos "ballets rose". Acabou-se! Vamos mandá-lo para São Tomé, por tempo indeterminado."

Foi como se tivesse levado um soco no estômago. Totalmente inesperado. Para São Tomé? A única coisa que me vinha à memória era uma imagem, delida pelo tempo, de uma pequena ilha, algures em África, onde havia um coqueiro e um "preto" a tentar trepar por ele. São Tomé?...

Sacchetti sentenciou: "nos próximos dias haverá uma pequena agitação de superfície. Mas rapidamente tudo esquece. Como uma pedra que se lança a um poço... Dentro de meses ninguém se lembrará que houve um advogado chamado Mário Soares". O pior destas palavras, ditas sem emoção, friamente, é que acreditei nelas. Como não acreditar, naquele momento e naquele tétrico cenário?

O meu primeiro contacto com África foi este. E não foi nada agradável. Lá me mandaram num avião da TAP, acompanhado por um sub-inspector da PIDE, em primeira classe, porque a classe turística ia literalmente cheia e era inconveniente que se soubesse da minha presença naquelas condições. Primeira etapa, Luanda (em guerra, estávamos em 1968), onde não passei do aeroporto. Calor, muito movimento, alguma confusão. E, depois, uma espera que me pareceu interminável.

Mandaram-me então num pequeno avião - um "teco-teco", como diziam - que depois de algumas horas me conduziu a São Tomé. Calor insuportável. Levava um fato de flanela espesso, próprio do inverno lisboeta. Primeira impressão: umas dezenas de brancos, vestidos de branco, esperavam o avião, com camisas sem mangas. Todos me observavam. A notícia da minha chegada, como deportado, o único naquele tempo, precedera-me. Senti-me na situação incómoda de uma mosca que caísse num prato de sopa, num jantar de família... Estava ali a estragar a festa das chegadas e das partidas. Só havia um avião por semana, que trazia o correio e as novidades.

Não vou descrever as situações tristes - e divertidas, também as houve - por que passei em São Tomé. O pedido que me fizeram, para este escrito, foi para falar do colonialismo e das minhas impressões de África.

São Tomé é uma ilha lindíssima, com uma vegetação luxuriante e uma população africana mesclada - os angolas, os guinéus, os cabo-verdes, os moçambiques, como diziam - vindos das outras então colónias para fazer um trabalho escravo, nas roças dos senhores brancos, mais ou menos disfarçado. A população negra, miscegenada, era de uma rara beleza e tinha um porte de grande dignidade. A comunicação entre as duas comunidades era feita, com raras excepções, apenas através das relações de trabalho.

Curiosamente, todos me conheciam - dada a situação insólita em que estava, sempre vigiado e seguido - e os africanos manifestavam-me, em silêncio, pelo olhar e nas atitudes, uma extrema simpatia. Quando chegava a casa, às vezes, deixavam-me à porta, sem saber quem, frutas e mariscos...

Em 1968 estava-se no auge da guerra do Biafra. O governo português, contra as recomendações da ONU, ajudava clandestinamente, os sediciosos. E o auxílio, que lhes chegava através de uma espécie de ponte-aérea passava por São Tomé, que então enxameava de

mercenários de vários países. Como só havia uma pensão (aliás de um informador da PIDE) onde me albergara, a expensas minhas e onde alguns deles também estavam, tive a oportunidade de conhecer alguns curiosos tipos humanos!

Anos antes da minha chegada, na época do governador Gorgulho, tinha havido uma tentativa de revolta dos são-tomenses, que for abafada em sangue. O Governador instalara uma cadeira eléctrica, não para electrocutar os revoltosos, mas tão só para, dizia ele, lhes administrar alguns choques para os obrigar a falar... Esse acontecimento, que fizera muitas vítimas, deixou um fundo ressentimento na população são-tomense. O advogado Manuel João Palma Carlos, participara no processo, em defesa das vítimas, e falou-me várias vezes nas atrocidades cometidas, muito antes de eu saber que iria um dia ser deportado para aquela terra.

Quando cheguei a São Tomé, havia um movimento independentista clandestino incipiente mas foi-me impossível detectar qualquer contacto, dada a apertada vigilância a que estava sujeito. As cabeças conhecidas da resistência, Miguel Trovoada e Pinto da Costa, encontravam-se ambas no exílio.

Mas havia na ilha um manifesto clima de tensão, surda, apesar do governador, coronel Silva Sebastião, ser um homem moderado e de bom senso. No entanto, como militar, obedecia às ordens que lhe eram dadas de Lisboa. Por exemplo, as ordens directas de Salazar, para ignorar a minha presença, visto que a competência para se ocupar de mim, cabia por inteiro ao chefe da PIDE local, de nome Nogueira Branco, um duro, que dispunha de 22 agentes para me vigiarem dia e noite e criou, em minha volta um autêntico "cordão sanitário" para evitar todos os contactos que pudesse ter com a população branca ou africana.

Através de um pequeno transistor, que consegui obter, ouvia a Rádio Brazzaville que dava notícias das guerras em Angola, Guiné e Moçambique e da evolução da situação portuguesa. Foi pela Rádio Brazzaville que segui, com paixão, os acontecimentos de Maio de 1968, que tanto alarmaram os brancos de São Tomé.

Foi ainda pela rádio - mas dessa vez pela Emissora Nacional - quando estava no barbeiro a cortar o cabelo, numa curiosa loja que era também retrosaria, drogaria, livraria e papelaria - que ouvi um comunicado a dizer que "S. Exa. o Senhor Presidente do Conselho, doutor Salazar, fora submetido a uma operação a um hematoma do cérebro mas que estava em franca recuperação". Dei um salto na cadeira e - perante o espanto geral - gritei: "o homem acabou, com oitenta anos, e um hematoma deste tipo, não pode escapar".

Não sei como, mas a notícia do meu desabafo espalhou-se por toda a ilha, com impressionante rapidez. De tal modo que fui chamado ao Governador, que me perguntou se era verdade o que dissera. Disse-lhe que sim, obviamente. Daí por diante tudo mudou. Os brancos de São Tomé passaram a procurar-me e a falar comigo. E o Governador, desobedecendo às instruções de Salazar, passou a conversar comigo com alguma regularidade. O chefe da PIDE, Nogueira Branco, sentindo o terreno a fugir-lhe debaixo dos pés, disse-me um dia: "A situação em que eu e o Senhor estamos é intolerável: cada dia que passa o Senhor tem mais prestígio, e eu estou a perder força"...

Assim acontecia no ano longínquo de 1968 naquela ilha atlântica na linha do Equador. Não é uma história de colonialismo. Mas da ditadura que em boa parte gerou e alimentou o "nosso" obsoleto colonialismo...

Mário Soares

6 de Junho de 2005